

Pouco conhecimento de África pelos alunos portugueses

O projeto «'Raça' e África em Portugal», desenvolvido entre 2008 e 2011, reuniu investigadores da Universidade de Coimbra num estudo sobre os manuais escolares de História do 3.º ciclo do Ensino Básico, que abordam o continente africano de forma estereotipada e eurocêntrica

JOÃO CARLOS

OS MANUAIS DE HISTÓRIA DO 3.º CICLO do Ensino Básico em Portugal produzidos e vendidos em 2008 e 2009, abrangendo o 7.º, o 8.º e o 9.º anos de escolaridade, inspiraram um projeto de investigação sobre as concepções da Europa e do Ocidente, que possibilitam determinadas representações do «outro», inerentes a conceitos como «África», «Terceiro Mundo» ou «Império Colonial».

Desenvolvido por uma equipa multidisciplinar do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, o trabalho «explora a forma como as questões relacionadas com 'raça' e África são apresentadas e utilizadas nos manuais de História, com o propósito de contribuir para desafiar visões eurocêntricas», como refere um artigo publicado pela investigadora Marta Araújo em parceria com Silvia Rodríguez Maeso.

Tais visões – acrescenta o texto «Explorando o eurocentrismo nos manuais portugueses de História» –, evidenciam a relação entre poder e conhecimento na construção de determinadas interpretações históricas, nomeadamente na educação. «A nossa tentativa de análise de diversos manuais portugueses de História incidiu na forma como as ideias de 'raça' e 'África' são apresentadas e interpretadas, ou seja, como um elemento marginal da História e sem ligação às noções que temos de nacionalidade portuguesa e democracias europeias», indicam mais adiante no texto.

Segundo Marta Araújo, coordenadora do projeto, foram identificados três aspetos que sustentam uma abordagem eurocêntrica da História. Em primeiro lugar, os referidos manuais escolares «colocam o outro, africano, numa narrativa linear da História e atribuem-lhe um tempo totalmente diferente do europeu». Em todos os manuais do 7.º ano analisados, exemplifica, «quando se fala da chamada pré-história, do neolítico, faz-se sempre paralelo com o presente, pondo fotografias que ilustrariam a contemporaneidade em África». Na maior parte das vezes, imagens descontextualizadas de «tribos» ou «aldeias» em África são usadas para reforçar a ideia de que são as sociedades rudimentares. Marta Araújo sublinha que esta «é uma das maneiras onde mais subtilmente se vão passando ideias sobre o que é o outro, africano», sempre localizado no tempo *passado* da História.

No estudo «'Raça' e África em Portugal» destaca-se um segundo aspeto, a utilização do Estado Nacional geralmente democrático como paradigma da sociedade e da civilização, que sustenta a ideia hoje comum de «estados falhados» e acaba por reduzir o âmbito do político. A coordenadora do estudo recorre à forma como são hoje abordadas pelos manuais as lutas pelas independências africanas iniciadas em 1961. «Aqueles grupos [que lutavam pela libertação nacional] são retratados como um grupo de guerrilheiros extremamente bárbaros e assassinos contrastando sempre com os soldados



doc. 2 **Instrumentos de pedra lascada.**
(A) Biface (o fabrico deste instrumento, tallado nas duas faces, requeria um trabalho de grande precisão). (B) Pequeno instrumento cortante.

> Identifica o instrumento que era fabricado a partir de um núcleo e o que era fabricado a partir de uma lasca.



doc. 3 **Produzindo o fogo.**
Alguns povos, como estes habitantes do interior de África, utilizam ainda hoje processos primitivos para produzir o fogo.

> Que processo está a ser aqui utilizado?

Actividades

Escreve um texto a que possas dar o título: "As aventuras de um bando de recolectores à procura do fogo". De modo a recolherem sugestões para este trabalho, tu e os teus colegas podem pedir, ao vosso professor, que projecte algumas sequências do filme *A guerra do fogo* (Desenvolver Competências, p. 44).



doc. 4 **Reconstituição de uma cabana primitiva.**
Esta reconstituição baseia-se em vestígios de há 450 mil anos.



doc. 5 **Um acampamento do Homo erectus há c. de 500 mil anos (reconstituição).**
> Descreve a cena. Em que tarefas se ocupam os membros deste grupo? Enumera 3 avanços técnicos representados.

portugueses que, estes sim, teriam uma missão política», refere, lembrando uma frase explícita num dos manuais que diz, a certa altura, que os rebeldes assassinavam os colonos portugueses e esses viam-se forçados a recorrer à violência.

Para Marta Araújo, esta questão da legitimação da violência quando vem de um lado e da deslegitimação quando vem do outro transmite a ideia de que eram lutas sem objetivos políticos concretos (designadamente de contestação ao colonialismo, de alcançar a independência), um pouco como hoje se passa a ideia de que, findo o período colonial, naturalmente se sucederam as guerras civis.

AUSÊNCIA DO RACIAL E DO RACISMO

Ao explorar a construção do eurocentrismo, com enfoque no quadro ideológico que naturaliza a ausência da História de África, a investigação também aborda a questão racial e do racismo. Assim, um

Os manuais escolares colocam o outro, africano, numa narrativa linear da História e atribuem-lhe um tempo totalmente diferente do europeu

terceiro aspeto encontrado consiste na compreensão do racismo nos manuais como ligado, de forma definitiva, a certos conceitos e processos históricos. Por exemplo, os manuais favorecem a associação do racismo a momentos como o imperialismo do século XIX (salientando o caso britânico e francês) ou ao holocausto. Ao tomar-se sempre como racismo determinados momentos da História, a mais tardia, «permite que nunca se fale sobre a ideia de 'raça' ou racismo em relação ao contexto português», afirma Marta Araújo, acrescentando que, «apesar de se falar da escravatura, das fotografias e dos textos mostrarem e dizerem que são pessoas negras, nunca se discute o racial» nos manuais. Estas três linhas narrativas ajudaram a equipa a desvendar como é que se torna natural a ausência de uma História de África e também a ausência de uma discussão sobre o racial e o racismo.

Com isso, conclui, «os alunos portugueses têm pouco conhecimento do outro; a história dos outros continentes é muito pouco conhecida». Nos manuais, a História de África é reduzida praticamente à história de contacto com a Europa. Em anos mais recentes, embora se tenha adicionado alguns conteúdos (por exemplo, uma página sobre alguns impérios como o do Benim), «há uma narrativa que corre ao longo de todo o manual que, independentemente de ter esse tipo de informação, não é o suficiente para contrariar esta ideia de África como uma terra sem história».

A coordenadora do estudo recua, entretanto, aos manuais dos anos de 1970 e 80, e lembra que em alguns casos – ainda que excecionais – incluíam mais conteúdos sobre História de África que os atuais. «Ou seja, esta ideia que muitas vezes nos foi dada nas entrevistas de que não se inclui mais a História de África porque não se sabe, porque eles não têm fontes, porque não há registo, é um argumento como qualquer outro». Adverte, ao afirmar que naquele período «houve um momento em que politicamente isso foi considerado importante».

Em seu entender, no contexto atual, fica patente que os alunos crescem com a ideia de «África como um continente falhado». Continente que, no fundo, é o recipiente da ação da Cruz Vermelha. «Esta ideia parece-nos estar muito claramente lá», insiste.

PROFESSORES PRÓS E CONTRA

A equipa realizou igualmente várias entrevistas e grupos de discussão com autores e editores de manuais, decisores políticos, historiadores, estudantes universitários, professores, editores e alunos do 3.º

Os alunos portugueses conhecem pouco a história dos outros continentes

doc. 4 O transporte nos navios negreiros

Entregues os escravos aos capitães dos navios [...], estes procuram [...] transportar em cada navio o maior número possível e desperdar com eles o menos que possa ser [...]. Os negros escravos são metidos no porão e aferrolhados [...] e ali lhes falta tudo. Nada mais têm por onde o ar lhes possa chegar que a grade da escotilha e umas pequenas frestas [...]. A transpiração é aumentada pelo calor da zona por onde navegam e isto torna o ar infestado e por isso muito prejudicial à saúde [...]. Têm uma curtíssima ração de água e está amornada pela ardência do calor [...]. E têm uma escassa ração de alimentos [...]. Não haverá razão para chamar aos escravos, que a tanto resistem e que a tanto escapam, homens de pedra ou de ferro?

L. A. Oliveira Mendes, *Membria a respeito dos escravos*. 1793

> Descreve as condições que consideras mais desumanas no transporte dos escravos.

doc. 5 A vida dos escravos nos engenhos do Brasil

Aos feitores⁹ de nenhuma maneira se deve consentir dar pontapés, nem dar com um pau nos escravos, porque na cólera se não medem os golpes, e podem ferir mortalmente na cabeça a um escravo de muito préstimo, que vale muito dinheiro e perdê-lo. Reprendê-los e chegar-lhes com um cipó⁽¹⁾ às costas é o que se lhes pode e deve permitir para os ensinar [...]. Porém, amarrar e castigar com o cipó até correr sangue e pôr no tronco⁹, ou preso com correntes durante meses [...], isto de nenhum modo se há-de consentir.

Padre André João Antonil, *Cultura e opulência do Brasil, por seus drogas e minas*. 1710

(1) Cacete feito do caule de uma planta brasileira.

> Que razão evoca o autor para não se dever aplicar aos escravos castigos demasiado violentos? Achas que deveria ser essa a razão fundamental?



doc. 7 *Negros no tronco*⁹. Gravura inglesa do século XVIII.



doc. 6 *Escravos negros dançando, num dia de festa*.

> Como se distraíam os escravos da dureza do cativeiro? Relaciona esta imagem com a actual cultura popular brasileira.

Actividades



Interpreta os documentos destas páginas, bem como os da página 97 que digam respeito à escravatura.



Escreve um texto, se possível ilustrado, sobre O tráfico negro e a escravatura, dividido nas seguintes partes: a saída de África; o transporte nos navios negreiros; a venda no mercado; as condições de vida e de trabalho no cativeiro.



Finalmente, se o teu professor estiver de acordo, organiza um debate, na sala de aula, sobre A escravatura e os direitos humanos.

Desenvolver Competências ver p. 20

ciclo. O trabalho empírico incluiu o próprio Ministério da Educação em representação do Estado, mas também associações antirracistas, para a educação intercultural e o ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural), que tem liderado a ideia de que Portugal se transformou num país multicultural.

Facto é que este tipo de transformações políticas propostas à sociedade portuguesa não chega a abarcar a educação para todos. Diz Marta Araújo que as medidas são implementadas geralmente em determinadas zonas do país para determinados grupos-alvo sem que sejam alteradas as linhas do currículo, que continua a ter o mesmo grau de interpretação da História. Daí que, no âmbito do programa «CES vai à escola», o grupo de investigadores desenvolveu debates com alunos e professores sobre o eurocentrismo e o racismo na cultura popular, abordando temáticas do projeto. No entanto, como explica a investigadora, até agora o Ministério da Educação de Portugal não se tem comprometido a reformular

os manuais, considerando que «a História é uma coisa que pouco muda».

Entre os professores da disciplina houve uma grande diversidade de posturas e de posições. Alguns manifestaram-se desinteressados sobre estas temáticas, outros sentiram e reconheceram a necessidade de uma mudança na abordagem dos conteúdos. Segundo a coordenadora, houve um diálogo profícuo que pode ser útil para outros projetos.

Este trabalho, que não é unicamente sobre os manuais escolares, tem sido apresentado também em encontros científicos. Formalmente, o projeto terminou em agosto, pelo que, futuramente, serão publicados um livro e uma brochura, que reunirão os principais resultados da investigação para distribuição ao público-alvo. O estudo foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e contou com a parceria da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), onde também foi realizada uma investigação com objetivos comuns.